

# Rotacismo e lambdacismo no português: o processo de padronização ortográfica e as consoantes líquidas

## Débora Aparecida dos Reis Justo Barreto

Doutoranda em Linguística e Língua portuguesa

Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Araraquara, SP, Brasil.

E-mail: [debi\\_barreto@hotmail.com](mailto:debi_barreto@hotmail.com)

Bolsista FAPESP: Processo 2018/24793-3

 ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3788-7429>

## Gladis Massini-Cagliari

Professora Titular em Fonologia

Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Araraquara, SP, Brasil.

E-mail: [gladis.massini-cagliari@unesp.br](mailto:gladis.massini-cagliari@unesp.br)

Bolsista CNPq: Processo 302648/2019-4

 ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4050-7645>

**Revista Falange Miúda**

ISSN 2525-5169

**Periodicidade:**

Chamada Temática

**Volume 5**

**Número 2**

**Recebido em:** 20/02/2020

**Aprovado em:** 05/04/2020

## Resumo

A finalidade deste estudo é promover uma reflexão a respeito de dois fenômenos que, na contemporaneidade da língua portuguesa, são alvo de preconceito linguístico: o rotacismo e o lambdacismo. Para tanto, volta-se para o estágio medieval do idioma, buscando pensar de que forma o processo de padronização ortográfica foi determinante para a construção de uma atitude discriminatória diante da variação, uma vez que, na Idade Média, construções como *groriosa* e *regla* figuravam sistematicamente nos cancioneiros medievais galego-portugueses, textos feitos somente pelos mais eruditos e privilegiados daquela época.

## Palavras-chave:

Consoantes líquidas, fase arcaica do português, rotacismo, lambdacismo, processo de padronização.

O objetivo deste trabalho é estudar a variação entre <l> e <r> na escrita das cantigas medievais galego-portuguesas, compostas nos séculos XIII-XIV, mas sobreviventes em manuscritos que datam de diferentes épocas, desde o século XIII até o XVI (MASSINI-CAGLIARI, 2007). Serão analisados casos de variação em palavras específicas, que podem ser caracterizados como ocorrências dos processos de rotacismo e lambdacismo. O procedimento metodológico adotado é a observação da variação gráfica, a partir de edições fac-similadas, e a reflexão sobre o significado da alternância verificada naquela época, comparada à não variação na escrita atual do Português Brasileiro (PB), devida à padronização ortográfica, à luz dos conceitos de preconceito e intolerância linguística (BAGNO, 1999; LEITE, 2008; O'NEILL; MASSINI-CAGLIARI, 2019).

Massini-Cagliari (2012) alega que o estudo realizado pelos pesquisadores que trabalham com Linguística Histórica é uma espécie de *arqueologia* do idioma, uma vez que visa desvendar fatos passados que possam contribuir para esclarecer a atualidade linguística, por meio de certas pistas remanescentes, muitas vezes quase escondidas. Assim, pela descoberta do curso histórico de processos linguísticos específicos, busca-se reconstruir como teria *soado* a língua portuguesa antigamente e como teria sido a organização da sua gramática fonológica. Cabe destacar que os estudos dessa área, hoje em dia, procuram não assumir atitudes positivas ou negativas diante da mudança, não compreendendo o fenômeno nem como avanço nem como degeneração (AITCHINSON, 2006). Segundo Massini-Cagliari (2012), a busca pelo motivo histórico de fatos atuais pode promover relevantes subsídios para o ensino da língua e para a compreensão (e o combate) do preconceito linguístico presente na sociedade brasileira.

Bagno (1999, p.9) explica que o preconceito linguístico se encontra ligado à confusão criada, no decurso da história, entre *língua* e *gramática normativa*. Embora, hoje em dia, seja possível observar uma tendência a lutar contra os diversos tipos de preconceito, mostrando que eles não têm nenhum fundamento racional e são apenas fruto de ignorância, essa tendência não atinge a discriminação linguística, que, muito pelo contrário, é alimentada em diferentes mídias, nos manuais que visam ensinar o que é *correto* e o que é *incorreto* e em instrumentos tradicionais de educação (os livros didáticos e as gramáticas normativas). Conforme o autor, o preconceito linguístico se baseia na crença de que só existe uma *única língua*, que seria a ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogada nos dicionários. Logo, qualquer manifestação que escape desse triângulo escola-gramática-dicionário é considerada, sob a ótica do preconceito linguístico, errada, feia, rudimentar (BAGNO, 1999, p.40). Como pondera Bagno (1999), o preconceito linguístico impera na mentalidade da sociedade há muito tempo e é resultado da combinação entre a supervalorização da

representação gráfica do idioma e a aversão à variedade falada por certas classes sociais e em determinadas regiões, como a fala característica do nordeste.

Na época trovadoresca do idioma, que se situa entre os séculos XIII e XV (MATTOS E SILVA, 2006), o português arcaico (PA) ainda não possuía uma ortografia padrão instituída por lei, o que fazia com que a língua existisse independente dos gramáticos e das escolas, posto que na fase arcaica era o latim o idioma ensinado, para a minoria que tinha acesso à educação. Como ainda não havia se estabelecido uma padronização ortográfica do PA, a variação dominava a documentação escrita daquele período, que sofria flutuação na grafia, na morfologia e na sintaxe. Conforme Mattos e Silva (2006), as variações existentes nos textos produzidos na Idade Média são indicadores para as mudanças que vieram a ocorrer e que, a partir da padronização, os materiais escritos passaram a oprimir a diversidade, já que só uma parte das variantes utilizadas é *eleita* para integrar o sistema ortográfico. As obras remanescentes do PA, portanto, constituem um importante recurso para o conhecimento do português usado na Península Ibérica, apesar das limitações impostas ao longo do processo de representação do oral no escrito.

A presente reflexão se volta para as produções poéticas do período focalizado, tendo em vista que os documentos do medievo eram redigidos em um sistema de escrita de base alfabética (sem qualquer atenção para os fenômenos prosódicos). Logo, em composições em prosa, não é possível obter informações acerca da pronúncia de outrora. Em textos poéticos, ao contrário, há indícios dos elementos segmentais e suprasegmentais do PA, fato que possibilita chegar a inferências a respeito dos padrões acentuais e rítmicos daquela etapa do idioma.

A lírica galego-portuguesa é composta por duas vertentes: uma religiosa e uma profana. A primeira compreende as *Cantigas de Santa Maria* (CSM), coletânea em louvor da Virgem Maria realizada na segunda metade do século XIII, cuja autoria é atribuída a Dom Afonso X, o Sábio, de Leão e Castela. A segunda abrange *cantigas de amor, de amigo e de escárnio e maldizer*, produzidas por cerca de 160 escritores, que são responsáveis por mais de 1700 obras no intervalo que compreende o fim do século XII e meados do século XIV.

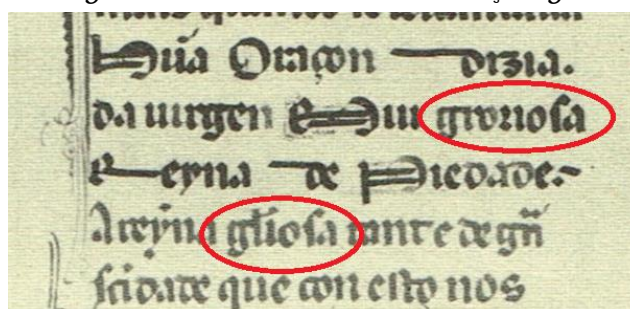
Uma das variações recorrentes na fase arcaica era a permuta de <r> por <l> e vice-versa, fato registrado nas fontes poéticas remanescentes. Quando a troca se dá no sentido da lateral para a rótica, tem-se o fenômeno de rotacismo. Costa (2013, p.179) define rotacismo apenas como “a troca de um som lateral por um som rótico”; Freitag et al. (2010, p.18) relacionam esse fenômeno à constituição da sílaba: “na literatura linguística, denomina-se rotacismo a neutralização de uma líquida lateral por uma líquida vibrante em sílabas do tipo CCV, como, por exemplo, ‘blusa’ por ‘brusa’”. Já o lambdacismo corresponde ao “fenômeno oposto ao rotacismo, no qual o falante produz uma lateral onde se esperaria um rótico, como a realização de ‘plato’ por ‘prato’”.

No medievo, *groriosa* e *miragre* eram formas amplamente empregadas nas produções escritas, assim como *paravla* e *regla*, não havendo uma desvalorização desses usos, pois somente cantigas realizadas pela corte conseguiram sobreviver até os tempos modernos. Portanto, essas palavras eram, muito provavelmente, formas utilizadas pela aristocracia, porção prestigiada da sociedade trovadoresca. Propomos, assim, uma reflexão voltada para os fenômenos de rotacismo e de lambdacismo no PA e no PB (Português Brasileiro atual), buscando estabelecer relações entre o processo de padronização e a diferença do grau de valoração na troca da consoante líquida vibrante pela lateral, ou o contrário, nesses dois estágios da constituição histórica da língua portuguesa.

De acordo com Conde Silvestre (2007), quando investigamos casos de variação de modo diacrônico é preciso considerar que o material analisado sobreviveu por acaso e, possivelmente, retrata uma pequena parcela do todo. Ademais, o estudioso encontrará, na documentação antiga, dados relativos aos indivíduos (homens, em geral) letrados da sociedade, pertencentes às classes média e alta, em determinados estilos e registros. Labov (1994) expõe que as formas linguísticas representadas nos textos do passado são comumente distintas das vernaculares dos autores, pois refletiam esforços para apreender um dialeto normativo que nunca foi língua nativa de ninguém. Em decorrência disso, muitas obras são marcadas por hipercorreções, mistura de dialetos e erros cometidos pelos escribas na feitura da cópia.

Pelo fato de o PA não possuir uma ortografia oficializada, escritores diferentes grafavam o mesmo termo de forma diversa. Na verdade, isso acontecia inclusive com o mesmo autor, que escrevia de maneiras distintas a mesma palavra (CHAGAS, 2008), o que pode ser verificado na imagem abaixo, retirada da CSM 67. Nela, apuramos a alternância *groriosa*/*gloriosa* no interior de uma única estrofe, que foi copiada por apenas um punho, ou seja, sua escritura seguramente foi feita pela mesma pessoa. Cabe lembrar que a vibrante e a lateral partilham propriedades fonéticas e comportamentos em muitos idiomas. No português, são as únicas unidades possíveis na segunda posição de um grupo consonantal.

**Figura 1** – Cantiga de Santa Maria 67. Variação *groriosa*/*gloriosa*.



**Fonte:** Edição fac-similada do códice Escorial Músicos, editada por Anglés (1964, p.86v).

Faraco (2008) discute que o perfil da comunidade feudal (marcada pela descentralização política, por uma economia essencialmente agrária e por escassas relações de comunicação para além de seus limites regionais) derivou, em matéria de língua, em uma vasta diversificação. Em resposta ao variado mapa linguístico da localidade, emergiu um projeto padronizador. Como se vê, buscou-se, por meio de instrumentos normativos, um padrão de língua capaz de atenuar toda a diversidade regional e social herdada da experiência medieval. Como regra geral, o padrão de língua criado visando uniformizar os falares se alicerçou na variedade adotada pela nobreza, no entanto, a norma-padrão arquitetada pelas *autoridades* do período é virtualmente impossível de se encontrar na realidade de usos, pois é um idioma ideal, abstrato e elitista, embasado em mitos sem respaldo na prática, inspirados em certos modelos arcaicos de organização social (BAGNO, 2003, p.75-76). Essa forma de língua é até hoje tida como uma verdade eterna e imutável, o que cria a noção (errada) de que existe uma única maneira *correta* de falar, que seria aquele conjunto de regras detalhado nas gramáticas. Isto posto, a variação, quando aparece, é simplesmente vista como um sinônimo de *erro* (BAGNO; RANGEL, 2005).

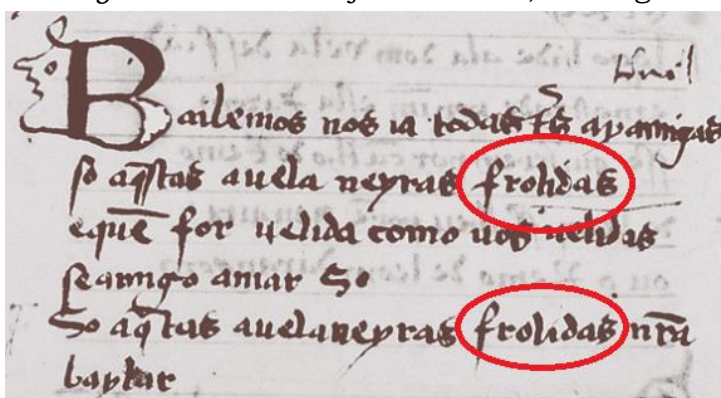
Milroy (2011) comenta que o processo de padronização age promovendo invariância ou uniformidade na estrutura da língua. Como explicamos, é um regime imposto e nunca alcançado totalmente no uso real. Um efeito da padronização é o desenvolvimento da consciência, entre o grupo de usuários, de um jeito *certo* de falar o idioma. Milroy (2011) intitula esse fenômeno de *ideologia da língua padrão* e um aspecto categórico dele é a crença na correção. Essa convicção manifesta que, quando houver duas ou mais variantes de algum vocábulo ou construção, só uma delas pode estar correta. Se pensarmos na atualidade, apenas *gloriosa* é considerada como sendo certa, porque há um alto grau de estigma associado à variante *groriosa*. Contudo, as duas formas aparecem no PA sem qualquer distinção de valor. E se, durante a época trovadoresca, ambas as variantes fossem usos prestigiados? A análise dos casos permite reconhecer que a valoração das ocorrências se dá no nível social, já que as variedades da língua não têm prestígio em si mesmas; elas adquirem notoriedade quando seus falantes possuem uma reputação elevada.

Nas figuras **2** e **3**, mostramos mais um exemplo de variação verificado nas cantigas, mas agora na vertente profana da lírica galego-portuguesa. O trecho em questão é parte de um poema *de amigo*, de Airas Nunes, que está localizado em dois cancioneiros: *da Biblioteca Nacional de Lisboa* (CBN) e *da Vaticana* (CV). No primeiro, não há variação. No segundo, por seu turno, a substituição de <l> por <r> (e o inverso) pode ser constatada dentro da mesma palavra, mas em contextos diferentes. *Floridas/frolidas*, assim como *groriosa/gloriosa*, ocupam o interior de um mesmo texto poético, demonstrando não somente a enorme riqueza lexical da produção arcaica, como também uma possível equidade entre as variantes naquele

momento da língua portuguesa, em que não se pode afirmar com certeza se uma mudança na escrita era reflexo de uma alteração na realização fonética (CHAGAS, 2008, p.144).

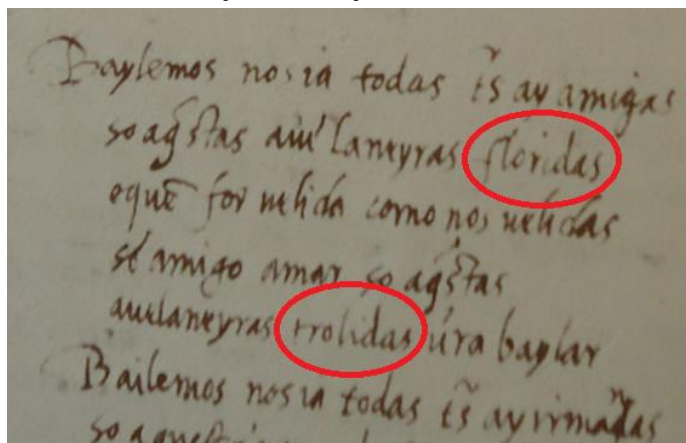
Contrariamente a Chagas (2008), Mattos e Silva (2006, p.37) se sente mais segura em relação às pistas da realização fonética trazida pelas cantigas medievais galego-portuguesas, pois considera que, por serem poemas em versos geralmente isossilábicos e rimados, isso os torna fundamentais “para o conhecimento de fatos fonéticos desse período, como sejam, por exemplo, questões referentes aos encontros entre vogais (hiatos/ditongos), ao timbre vocálico (abertura e fechamento), vogais e ditongos nasais/orais”.

**Figura 2** – *Cantiga de amigo* “Bailemos nós já todas três, ai amigas”. Códice sem variação.



**Fonte:** Edição fac-similada do códice da Biblioteca Nacional de Lisboa – Colocci-Brancuti (1982, p.879).

**Figura 3** – *Cantiga de amigo* “Bailemos nós já todas três, ai amigas”. Variação *floridas/frolidas*.



**Fonte:** Edição fac-similada do Cancioneiro Português da Biblioteca Vaticana (1973, p.462).

Gomes e Souza (2003) comentam que a identificação de fenômenos variáveis pressupõe que, para uma certa categoria da língua, existem ao menos duas possibilidades de representação. Implica ainda dizer que a escolha de uma das formas não é aleatória, mas se relaciona a questões linguísticas e extralinguísticas.

Desta forma, o ambiente social é decisivo na construção do valor de prestígio ou de estigma de cada uma das variáveis. O desenvolvimento de uma norma-padrão para o português conduziu à desvalorização de variedades linguísticas muito usadas no decorrer da história do idioma. A norma-padrão instituiu, portanto, o pensamento de que outras maneiras de dizer ou de escrever são ilegítimas, pois apenas ela é genuína.

Como se sabe, a língua está em contínua transformação, visto que adapta seu sistema às necessidades de interação social dos falantes, que se modificam ao longo do tempo. O português é um exemplo disso: embora conserve várias características da época arcaica, passou por muitas mudanças no léxico, na sintaxe, na prosódia, na semântica, na morfologia e em outros níveis de análise. Diante disso, Faraco (1991) ressalta que os idiomas do mundo compreendem realidades heterogêneas e que as mudanças emergem da diversidade. Dessa colocação se origina o fato de que nem toda variação implica mudança, mas toda mudança pressupõe variação. A modificação é uma constante nas línguas, não afetando sua integridade estrutural, uma vez que atinge sempre determinadas partes, nunca a totalidade linguística.

Quando pensamos na variação *groriosa/gloriosa*, percebemos que esse tipo de alteração ainda ocorre nos dias atuais em todo o território brasileiro (COSTA, 2011). Além disso, sabemos, como falantes, que *groriosa* apresenta um grande grau de estigma, sendo alvo de preconceito linguístico. Desse modo, em algum momento da história, as duas formas deixaram de ser um processo de mudança e passaram à condição de variação estável (GOMES; SOUZA, 2003, p.76). Sendo assim, ambos os termos atravessaram um período de variação que, por motivações sociais, nunca chegou a se concretizar em uma mudança. É possível ponderar que o elevado grau de desprestígio associado à forma com <r> tenha atuado e ainda atue como uma espécie de bloqueio no uso dessa variante. Contudo, a indagação que permanece é: em que período da constituição da língua portuguesa a permuta da consoante lateral pela vibrante, e vice-versa, adquiriu estigma social (O'NEILL; MASSINI-CAGLIARI, 2019), passando a ser objeto de preconceito linguístico?

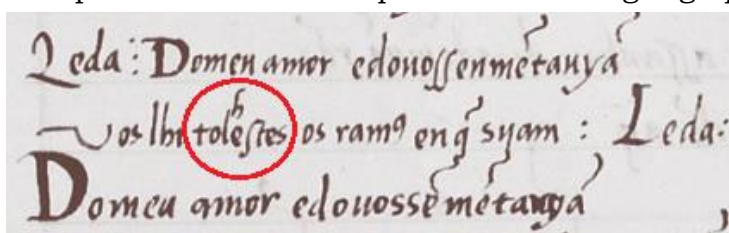
Bagno (2003) sublinha que o prestígio social das variedades linguísticas praticadas pelas classes mais favorecidas da comunidade não possui relação com qualidades intrínsecas, ou seja, com algum tipo de *beleza, lógica e elegância* específica e natural a esses modos de usar a língua. O prestígio social compreende uma construção ideológica (O'NEILL; MASSINI-CAGLIARI, 2019), dado que, por motivações históricas, políticas ou econômicas, determinadas classes da sociedade assumiram o poder, ganharam valor ou, ainda, atribuíram prestígio a si mesmas. O processo de rotacismo no PB empregado nos dias de hoje, por exemplo, é usualmente vinculado às classes mais desfavorecidas da população, que sofrem julgamentos extremamente negativos por parte dos grupos sociais dominantes. Segundo Bagno (2003), quando indivíduos prestigiados de uma certa sociedade

param de reagir de forma contrária a determinadas produções linguísticas, deixando de analisá-las como *desvios*, é porque o ideal de língua *correta* já mudou, em um fenômeno de autorregulação natural e intrínseco aos grupos, que independe da prescrição das instâncias oficiais. Em relação ao rotacismo, isso ainda não aconteceu, já que o estigma associado à variante com <ɾ> inibe seu uso pelas camadas mais altas do corpo social brasileiro.

Convém pontuar que o impulso rumo à padronização ortográfica teve fins econômicos e sociais e que o processo se deu gradualmente ao longo da história (CAGLIARI, 1995). Se realizarmos uma avaliação rápida da normatização do português, percebemos que ela nunca está finalizada, já que o padrão de fato utilizado está sempre se alterando à medida que a língua se adequa às novas necessidades dos indivíduos. A uniformização da língua teve início com o surgimento das primeiras reflexões acerca do idioma, que datam dos anos 1536 e 1540, e são: *Gramática da linguagem portuguesa*, de Fernão de Oliveira, e *Gramática da língua portuguesa*, de João de Barros. Segundo esclarece Mattos e Silva (2006), essas discussões foram responsáveis pelo começo do estabelecimento de uma escrita invariável para a língua portuguesa.

Milroy (2011) declara que era comum entre os medievalistas a doutrina da correção, que consistia em retificar os enganos cometidos pelos escribas originais, visando tornar sua escritura mais uniforme. Então, mesmo no PA, em que ainda não havia uma ortografia oficial, a visão de que existia uma maneira certa de usar o idioma já estava enraizada na mentalidade da população feudal. Contudo, como saber se as retificações eram feitas a fim de *arrumar* o trabalho realizado pelos copistas ou se elas eram praticadas pelos próprios copistas? Ademais, é preciso considerar a possibilidade de a revisão ter se dado no documento original, isto é, ter sido empreendida pelo trovador na primeira versão da cantiga. Na figura 4, exibimos um caso de reparo encontrado no CBN. Na referida *cantiga de amigo*, de Nuno Fernandes Torneol, o grafema <h> foi adicionado em um momento posterior à representação de *tol(h)estes*. Pode simbolizar uma conduta operada no mesmo instante da cópia do poema (por erro no processo de cópia) ou pode retratar um evento futuro em relação ao momento da cópia primeira, de autoria do mesmo indivíduo ou de responsabilidade de outra pessoa (no caso, o acréscimo aparenta ser da lavra do mesmo punho que copiou a cantiga).

**Figura 4** – *Cantiga de amigo* “Levad’, amigo, que dormides as manhanas frias”. Exemplo de emenda gráfica presente na vertente profana da lírica galego-portuguesa.



**Fonte:** Edição fac-similada do códice da Biblioteca Nacional de Lisboa – Colocci-Brancuti (1982, p.641).

Cambráia (2005) pondera que os textos recuados no tempo sofreram modificações feitas por terceiros, sem autorização ou conhecimento prévio do autor. Parte dessas mudanças ocorreu de forma voluntária, isto é, por vontade de quem reproduziu o documento e, possivelmente, não concordava com a ideologia defendida pelo trovador. Portanto, quem estava editando o material censurava o que lhe parecia impróprio. No entanto, algumas alterações se deram em decorrência de lapsos, também chamados de erros de cópia. As variantes, muito recorrentes nos códices da época arcaica, são atribuídas aos escribas pelos pesquisadores modernos, que também partilham da opinião de que os compositores do período seguiam alguns critérios na elaboração dos textos. Isto posto, mesmo diante de uma grande variedade de formas, os copistas e os escritores daquela fase adotavam certos parâmetros, que eram determinados por uma consciência coletiva sobre o sistema de escrita da língua escolhida. Essa colocação reitera os dizeres de Faraco (1991), tendo em vista que os idiomas estão em constante transformação e mudança, mas sem nunca perderem sua sistematicidade e seu potencial semiótico.

É importante pontuar que os cancioneiros medievais que chegaram até os dias atuais não são registros originais, mas cópias primeiras ou cópias de cópias (MASSINI-CAGLIARI, 2007). Castro (1991) ressalta que a identidade dos escribas não é geralmente conhecida e que as datas, os locais e as circunstâncias em que a transcrição das cantigas foi empreendida são desconhecidas e duvidosas. As alterações gráficas entre segmentos simples e duplicados do PA são fruto, para Williams (1975[1938]), da dificuldade dos copistas em reconhecer a diferença do som dos grafemas reproduzidos. Convém notar que inúmeros fatores podem ter motivado o uso de uma forma e não de outra, dentre eles o estilo definido pelo escriba com o objetivo de refinar seu ofício por meio de inovações na linguagem literária.

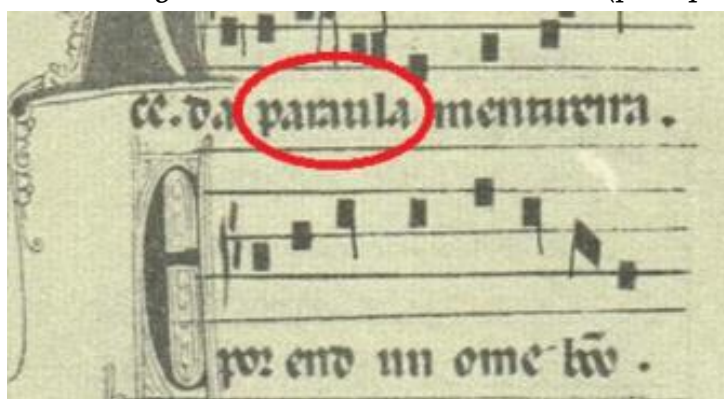
Quando se coloca em questão se uma determinada retificação foi direcionada ao trabalho do copista ou se ela foi realizada por ele, percebemos a complexidade dos debates ora propostos. Voltando ao primeiro exemplo, podemos conjecturar se *gloriosa* teria sido uma correção feita pelo copista ao trovador, que teria grafado *groriosa*. Ao admitirmos essa hipótese, colocamos em foco uma demarcação temporal, posto que os escribas da vertente profana datam dos séculos XV e XVI e as cantigas, de muito antes. A defesa dessa possibilidade indicaria que a variação *groriosa*/*gloriosa* prevaleceu no correr do PA e que, por várias razões, *groriosa* passou a ser substituída por *gloriosa* de modo gradual ao longo do tempo, até ser fixada como a única disposição apropriada. A equidade entre as variantes no medievo teria sido abalada por aspectos sociais, já que a forma com <r> adquiriu desprestígio e se tornou alvo de preconceito. O estigma relacionado ao emprego de

*groriosa* foi reforçado pela padronização, que prescreveu a existência de somente um jeito *correto* de usar a língua: a doutrinária norma-padrão.

As breves reflexões aqui apresentadas demonstram a importância de uma análise diacrônica do português para de fato compreendermos sua atual configuração. Toda língua pode ser considerada como um objeto cultural, sendo realizada em incontáveis contextos situacionais e sociais por pessoas de distintos gêneros, níveis socioeconômicos, graus de escolaridade, faixas etárias, entre outras características. O processo de padronização da ortografia colocou uma ideia na mente do brasileiro: de que a língua **é** a norma-padrão, ou seja, aquela variedade perfeitamente delimitada e estável, que, na realidade, nunca é produzida realmente na fala por ninguém. Como debatemos neste estudo, a normatização da língua portuguesa levou à desvalorização das outras variedades, que passaram a sofrer discriminação linguística.

Como se vê, é a sociedade de cada época que determina o valor das formas da língua. O grau de prestígio ou de estigma de uma dada variante se transforma de acordo com o meio social e econômico do falante (GNERRE, 1991). No período arcaico da língua, pode-se interpretar que a diversidade de grafias era legitimada pelos poetas, que adotavam formas alternantes dentro de um mesmo texto. Como as composições que chegaram até nós são fruto do trabalho realizado na corte, pela parcela mais nobre da população, pode-se considerar que não havia desvalorização no uso do rotacismo e do lambdacismo, fenômenos altamente estigmatizados hoje em dia. Na figura 5, há a representação dos dois processos ocorrendo de maneira simultânea no interior de um mesmo vocábulo. O exemplo foi encontrado na CSM 43.

**Figura 5** – *Cantiga de Santa Maria 43. Paravla (para palavra).*



**Fonte:** Edição fac-similada do códice Escorial Músicos, editada por Anglés (1964, p.65r).

O emprego de *paravla* no cotidiano atual seria alvo de preconceito linguístico, visto que, no PB, a troca entre as líquidas é alvo de grande desprestígio. Como explica Bagno (2003), quando indivíduos de certas classes sociais deixam de reagir negativamente a determinadas realizações, parando de enxergá-las como *erradas*,

nota-se que o modelo de língua *certa* já se alterou. Então, muito provavelmente a forma *miragre*, ao invés de *milagre*, seria perfeitamente aceita hoje caso uma camada específica da sociedade, de prestígio, passasse a utilizá-la.

## Conclusão

A partir da análise dos casos específicos de rotacismo e de lambdacismo, este trabalho objetivou mostrar que o estudo histórico da língua, mais do que uma curiosidade em torno da nossa origem linguística e do que hedonismo, na leitura ávida pelos interessantíssimos textos poéticos que remanescem da época medieval, traz subsídios para o ensino da língua portuguesa na atualidade e para a compreensão da existência e da natureza do preconceito linguístico e o combate a ele, na medida em que revela que estruturas hoje discriminadas e consideradas como *erradas* são, na verdade, fruto da deriva histórica natural do idioma, de tendências de mudanças presentes no nosso passado desde a nossa origem latina, e que, portanto, nada têm de *ignorância* ou fruto de *déficit cognitivo*. Isso fica bastante nítido quando se nota que formas como *groriosa*, naquele período, correspondiam à representação da fala de um monarca, já que a cantiga em que foi mapeada é atribuída a um rei, Afonso X – e, mais do que isso, ao mais *sábio* dentre os reis.

## Referências

- AITCHINSON, J. **Language Change: Progress ou Decay?** 3rd edition. 5th printing. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
- ANGLÉS, H. **La música de las Cantigas de Santa María del Rey Alfonso el sabio:** fac-símil, transcripción y estudio crítico por Higinio Anglés. Barcelona: Diputación Provincial de Barcelona; Biblioteca Central; Publicaciones de la Sección de Música, 1964.
- BAGNO, M. **Preconceito Linguístico:** o que é, como se faz. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- BAGNO, M. Norma lingüística & preconceito social: questões de terminologia. **Veredas.** Juiz de Fora, v.5, n.2, p.71-83, ju./dez. 2003.
- BAGNO, M.; RANGEL, E. O. Tarefas da educação lingüística no Brasil. **Revista brasileira de Linguística Aplicada**, v.5, n.1, p.63-81, 2005.
- CAGLIARI, L. C. Algumas reflexões sobre o início da ortografia da Língua Portuguesa. **Cadernos de Estudos Lingüísticos (UNICAMP)**, Campinas, v.27, p.103-111, 1995.
- CAMBRAIA, C. N. **Introdução à crítica textual.** São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- CANCIONEIRO da Biblioteca Nacional (Colocci-Brancuti):** Cód. 10991. Reprodução fac-similada. Lisboa: Biblioteca Nacional, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1982.
- CANCIONEIRO Português da Biblioteca Vaticana (Cód. 4803):** Reprodução fac-similada com introdução de L. F. Lindley Cintra. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos, Instituto de Alta Cultura, 1973.
- CASTRO, I. **Curso de história da língua portuguesa.** 1ª ed. Lisboa: Universidade Aberta, 1991.
- CHAGAS, P. A mudança lingüística. In: FIORIN, J. L. (Org.). **Introdução à Lingüística.** 5ª ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, p.141-163, 2008.
- CONDE SILVESTRE, J. C. Problemas y Principios. In: CONDE SILVESTRE, J. C. **Sociolingüística Histórica.** Madrid: Gredos, p.19-72, 2007.
- COSTA, L. T. da. **Abordagem dinâmica do rotacismo.** Tese de Doutorado. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2011.
- COSTA, L. T. da. Fenômenos variáveis e variantes líquidas produzidas no ataque complexo. **Acta Scientiarum. Language and Culture.** Maringá, v.35, n.2, p.179-186, Apr.-June, 2013.
- FARACO, C. A. **Lingüística Histórica:** uma introdução ao estudo da história das línguas. São Paulo: Ática, 1991.
- FARACO, C. A. **Norma culta brasileira:** desatando alguns nós. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- FREITAG, R. M. K.; ARAÚJO, A. S.; BARRETO, E. A.; CARVALHO, E. S. S. “Vamos plantar froes no grobo da terra”: Estudando o rotacismo nas séries iniciais da rede municipal de ensino de Moita Bonita/SE. **RevLet – Revista Virtual de Letras.** Volume 2, Número 02/2010. p.17-31.
- GNERRE, M. **Linguagem, escrita e poder.** São Paulo: Martins Fontes, 1991.

GOMES, C. A.; SOUZA, C. N. R. Variáveis fonológicas. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, p.73-80, 2003.

LABOV, W. **Principles of Linguistic Change**. Vol.1: Internal Factors. Cambridge, Massachusetts/Oxford: Blackwell Publishers, 1994.

LEITE, M. Q. **Preconceito e intolerância na linguagem**. São Paulo: Contexto, 2008.

MASSINI-CAGLIARI, G. **Cancioneiros Medievais Galego-Portugueses**. Fontes, edições e estrutura. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.

MASSINI-CAGLIARI, G. O que é fazer pesquisa em Linguística Histórica?. In: GONÇALVES, A. V.; GÓIS, M. L. de S. (Orgs.). **Ciências da Linguagem: o fazer científico?** 1ª ed. Campinas: Mercado das Letras, v.1, p.267-292, 2012.

MATTOS E SILVA, R. V. **O português arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe**. São Paulo: Contexto, 2006.

MILROY, J. Ideologias linguísticas e as consequências da padronização. In: LAGARES, X. C.; BAGNO, M. (Orgs.). **Políticas da norma e conflitos linguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

O'NEILL, P.; MASSINI-CAGLIARI, G. Linguistic prejudice and discrimination in Brazilian Portuguese and beyond: suggestions and recommendations. **Journal of Language and Discrimination**. Vol 3.1, 2019, p.32-62.

WILLIAMS, E. B. **Do latim ao português**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Templo Brasileiro, 1975. [1ª ed.: 1938].

# Rhotacism and lambdacism in Portuguese: the process of standardization and the liquid consonants

**Revista Falange Miúda**  
ISSN 2525-5169

**Periodicity:**  
Thematic issue

**Volume 5**  
**Number 2**

**Received in:** 20/02/2020  
**Approved in:** 05/04/2020

**Abstract:**

This study aims to reflect about two phenomena which, in present days, can be considered as target to linguistic prejudice: rhotacism and lambdacism. To do so, the medieval period of the language will be focused, in order to show in which way the process of spelling patterning was determinant to the construction of a discriminatory attitude towards variation, since, in Middle Age times, constructions such as *groriosa* and *regla* systematically figured in medieval Galician-Portuguese *cancioneiros*, that were made only by the most erudite and privileged strata of the society.

**Keywords:**

Liquid consonants; Archaic Portuguese; rhoticism; lambdacism; spelling pattern process.